
Seriam os almanaques “leituras confiadas às mais inocentes e mais puras leitoras”?

Would be the almanacs “assigned readings to the most pure and innocent female readers”?

Linara Bessega Segalin*

Resumo: O artigo apresenta as representações de gênero presentes em dois almanaques sul-rio-grandenses que tiveram ampla circulação nacional e internacional no fim do século XIX e início do século XX: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Almanaque Popular Brasileiro*. No artigo, são mapeados o que “eles falam sobre elas” e o que “elas falam sobre elas”, objetivando entender os almanaques como um espaço de intensa disputa de poder de gênero e um espaço importante para a luta feminina por direitos sociais.

Palavras-chave: Representações de gênero; Relações de poder; Almanaxes.

Abstract: The article presents representations of genres present in two south brazilian almanacs that had a wide national and international circulation in the end of XIX and early XX centuries: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* and *Almanaque Popular Brasileiro*. In the article “what males talk about females” and “what females talk about females”. We aimed to understand the almanacs as a space where an intense contest of power exists both genres and an important space of the female struggle for social rights.

Keywords: Representation of genres; Power relations; Almanacs.

A Boneca é uma das mais imperiosas necessidades e ao mesmo tempo um dos mais encantadores instintos da alma feminina. Vestir, enfeitar, despir, tornar a vestir, ensinar, ralhar um pouquinho, animar, cantar, fazer dormir, afigurar-se que um objeto qualquer é um ser, eis resumindo o futuro da mulher.

* Graduada em História pela UCS. Mestranda em História Social pela UFRGS. E-mail: lisegalin@yahoo.com.br

*Sonhando e tagarelando, fazendo enxovaizinhos, fraldas, cueiros, a criança passa a ser moça, a moça a ser mulher. O primeiro filho é a continuação da última boneca. Uma menina sem boneca é quase tão infeliz e tão incompleta como uma mulher sem filhos.*¹

Textos como esse, advindos de uma série de autores nacionais e internacionais, contendo indicações de como uma leitora inocente e pura deveria se comportar para se tornar digna da sociedade do fim do século XIX e início do século XX, são comuns nas páginas dos dois almanaques analisados nesta pesquisa. Esses textos concordam com a citação utilizada no título: “O almanaque deve ser um livro que se possa, sem escrúpulos, confiar à mais inocente e à mais pura das leitoras”,² para justificar a censura de um texto enviado ao *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, cuja não publicação teria ocorrido por ferir a concepção do almanaque que era a de servir como um guia de leituras confiadas às mais puras e inocentes leitoras.

O efeito pernicioso da leitura para o público feminino era uma preocupação constante dos homens do século XIX.

Com relação à leitura feita pelo público feminino, a desconfiança, proibição e controle, que tentavam separar o joio do trigo, estavam na ordem do dia. Então, eram liberadas as leituras consideradas boas, úteis, saudáveis; proibidas as más, frívolas e suscetíveis de desviar do bom caminho e da salvação espiritual. O papel da leitora era tradicionalmente o de guardiã dos bons costumes, de tradição e do ritual familiar. (ARAÚJO, 2008, p. 46).

Mas será que somente esse tipo de leitura, “saudável” aos olhos da época, existia nas páginas desses almanaques? Seriam os almanaques disciplinadores da postura das mulheres na sociedade? Teriam como base o pensamento masculino da época? É o que desvelaremos neste artigo.

Nossa pesquisa tem dois elementos que a tornam agradável. Em primeiro lugar, o tema, *representações de gênero*. Saber o que homens e mulheres pensaram e escreveram sobre si mesmos e sobre o *outro* e como enxergaram as relações entre si são sempre um assunto que rende interesse e curiosidade, tanto por parte dos leitores como dos pesquisadores. Entender como os papéis de gênero foram sendo delineados ao longo

do tempo e nas diversas culturas é fundamental para que possamos compreender a complexidade das configurações de gênero atuais, respeitar a diversidade e romper com os inúmeros preconceitos de gênero que ainda figuram na sociedade atual. O segundo elemento são as fontes que contêm a escrita dessas representações, os *almanaques*. Ainda hoje, os almanaques são vistos como publicações instigantes, que despertam um misto de fascínio e curiosidade. São fontes valiosas para compreendermos a história social e cultural da sociedade.

Aqui, dirigimos nosso olhar às representações de gênero existentes em dois almanaques sul-rio-grandenses: o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues, em Pelotas, RS, na Tipografia da Livraria Americana, entre os anos de 1889 e 1917 e o *Almanaque Popular Brasileiro*, editado por Echenique & Irmão, em Pelotas, RS, pela Livraria Universal, durante os anos de 1894 e 1908.³

Para realizar as análises das representações de gênero nos almanaques, fazemos uso de três categoriais de análise metodológica, que brevemente destacaremos: *Relações de Gênero*, *Representação* e *Relações de Poder*.

Quanto à categoria *Relações de Gênero*, consideramos que “gênero é a organização social da diferença sexual”. (SCOTT apud PEDRO, 2005, p. 78). Segundo Scott, gênero não refletia ou implementava diferenças fixas ou naturais entre homens e mulheres, mas “um saber que estabelece significado para as diferenças corporais”. (SCOTT apud PEDRO, 2005, p. 78).

Rachel Soihet também destaca que

a palavra indica uma rejeição no determinismo biológico implícito no uso dos termos “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. (1997, p. 279).

Portanto, o gênero sublinha o aspecto relacional entre homens e mulheres e sugere que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois sexos pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado. (SOIHET, 1997, p. 279). A constituição simbólica do gênero se faz, é claro, num contexto social determinado no tempo e no espaço. (MACHADO, 1992, p. 32).

Por *representação* entendemos um conjunto de significação que traduz e produz conhecimentos, que orienta a nossa relação com o mundo e com o *outro*, posicionando-nos como sujeitos. A todo momento influenciemos os outros com nossas percepções, da mesma forma que somos influenciados pelas percepções dos outros. (JODELET apud HOROCHOVSKI, 2004).

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas. (WOODWARD, 2000, p. 17).

As relações de gênero e as representações sociais estão diretamente ligadas às relações de poder. Por *relações de poder* consideramos o conceito defendido por Michel Foucault (2004). Para o autor a sociedade disciplinar, atravessada por relações institucionais, seria marcada por uma pulverização das relações disciplinares, sendo essas relações desencadeadas, cotidianamente, a partir de diferentes posicionamentos dos sujeitos em face das suas necessidades. O poder está por toda parte, fazendo-se sentir de baixo para cima, de cima para baixo, como também lateralmente. Segundo Foucault, o poder está ao alcance de todos, e seus mecanismos se disseminam estabelecendo relações de forças.

Apresentado o tema e o referencial teórico, destacamos a sequência da organização do artigo. A primeira parte apresenta brevemente os almanaques, sua composição, história e finalidades. A segunda analisa resumidamente as transformações sociais vivenciadas no Brasil, na virada do século XIX para o século XX. Algumas vozes femininas presentes nos almanaques são mencionadas na terceira parte. Na quarta parte, são mapeados algumas representações masculinas sobre as mulheres e, na quinta, algumas representações femininas sobre as mulheres. Na sexta e última parte, tecemos algumas considerações finais com o objetivo de costurar as informações apresentadas ao longo do texto.

O que são os almanaques? Quais são os seus conteúdos?

*Assim as semanas, assim os meses, assim os anos.
E choviam almanaques,
muitos deles entremeados e adornados de figuras,
de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas.
E choviam. E chovem.
E hão de chover almanaques,
O tempo os imprime,
Esperança os brocha;
é toda a oficina da vida.⁴*

Os primeiros almanaques teriam surgido na Europa, por volta do século XV. Margaret Park destaca que “embora sua publicação seja datada de 1500, essa ‘leitura de mundo’ ultrapassa essa cronologia. O almanaque pode ter sido no início o ‘estender’ de um calendário que já não comportava mais tudo o que queria dizer”. (1998, p. 32-33). Os calendários significavam a relação estabelecida entre os seres humanos, o espaço e o tempo. “O papel e a escrita possibilitaram ao homem não só ordenar o mundo, mas recuperar, repetir, reproduzir o tempo dessa ordenação através do almanaque. O almanaque significaria, para o homem, a escrita desse tempo ordenado.” (PARK, 1998, p. 31).

Os almanaques abrigam em suas páginas conhecimentos científicos e mágicos, ambos empenhados em facilitar a vida cotidiana. Provérbios e pensamentos antigos e conselhos da sabedoria popular convivem com informações sobre as novas tecnologias. Tal especificidade faz do almanaque uma espécie de conselheiro e guia.

Segundo Jerusa Pires Ferreira, os almanaques, apesar da diversidade, mantêm “um grande fundo mais ou menos estável, ao longo dos séculos e, ao mesmo tempo, uma conexão sempre móvel e atualizável a depender dos públicos leitores, das épocas e das direções que se impunha a este corpo diverso de saberes”. (2001, p. 19). “É prazeroso e útil, marca um determinado espaço das relações dos indivíduos com o seu ritual diário.” (PARK, 1998, p. 11).

Embora no Brasil já existissem almanaques desde o fim do século XVIII, foi de meados do século XIX a meados do século XX que os almanaques tiveram sua maior efervescência, acompanhando o desenvolvimento da indústria editorial. No Rio Grande do Sul, tiveram uma produção vertiginosa.

De acordo com Cláudia Freitas (2007), os almanaques mantiveram um estreito vínculo com a literatura e a imprensa, vínculo, aliás, característico do século XIX. Segundo a autora, os almanaques no Rio Grande do Sul tiveram voga e prestígio, sendo o melhor veículo da poesia, do conto e do estudo histórico. Assim, os almanaques teriam contribuído vertiginosamente com a produção literária sul-rio-grandense.

As livrarias que editaram os “nossos” almanaques são a *Livraria Americana (Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul)* e a *Livraria Universal (Almanaque Popular Brasileiro)*. De acordo com Mario Osório Magalhães,⁵ a Livraria Americana e a Livraria Universal foram duas empresas que atuaram tanto na comercialização de livros quanto no ramo industrial-editorial e que dominaram o mercado pelotense e sul-rio-grandense, no último quartel do século XIX e início do século XX. Segundo o historiador, suas publicações tiveram influência sobre a vida e a política da Província e, depois, do estado.⁶ As tiragens do *Almanaque Popular Brasileiro* em 1898, em comemoração aos cinco anos de sua publicação, chegaram a 14 mil exemplares. Já as tiragens do *Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, segundo informação extraída da edição de 1895, chegaram a mais de vinte mil exemplares.

Diante da diversidade dos almanaques existentes no Brasil e no Rio Grande do Sul – diante de seu alcance, de sua função de reativar memórias, introduzir modernidades e conceitos a serem seguidos ou desprezados – é que somos motivados a estudá-los como fonte importante para entendermos a história cultural e social do País, no período de transição, isto é, da virada do século XIX para o século XX, principalmente no que mais nos interessa: analisar a importância dos almanaques como espaços tanto de fixação de condutas como de disputa de poder entre os gêneros.

O Brasil galgando a modernidade

As mudanças no comportamento feminino ocorrido ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os progressistas. (MALUF; MOTT, 1998, p. 368).

O período histórico vivenciado pelo Brasil e pelo mundo, em fins do século XIX e início do século XX, foi um período de intensas transformações. Impulsionado pelas inovações tecnológicas da Segunda

Revolução Industrial, o mundo adapta-se a um novo ritmo de tempo e de vida. Transformações econômicas e sociais sacodem o período. No Brasil, assistimos também à passagem do Império para a República e à tentativa de enquadrar o Brasil na nova ordem mundial. Essas mudanças, como sugerem as autoras Marina Maluf e Maria Lucia Mott, desencadearam um processo de instabilidade na ordem social hierárquica dos sexos, tipicamente masculina.

Iniciava-se, nesse período, o feminismo, tido como de “primeira onda”, cujo foco estava centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – de trabalho remunerado, estudo, propriedade e herança.

O embrião feminista plantado pelas mulheres, para reivindicar seus direitos cidadãos, foi amplamente criticado pela imprensa. Segundo Rachel Soieith (2004), a emancipação feminina representava uma grave ameaça à ordem estabelecida, e o pensamento machista encontrava legitimidade até no pensamento científico da época. A filosofia considerava como incontestável a inferioridade da razão das mulheres, cabendo a elas apenas a tarefa de cuidar dos filhos e obedecer ao marido. Já a medicina afirmava que a fragilidade, o recato, as relações afetivas, bem como o instinto maternal eram biologicamente naturais ao sexo feminino. Natalia Pietra Méndez (2004) também destaca que a imprensa brasileira, desde o princípio, utilizou-se de diversos mecanismos discursivos para desqualificar a imagem e as representações das mulheres.

Novamente resgatando as autoras Maluf e Mott, nesse período, “conjugaram-se esforços para disciplinar toda e qualquer iniciativa que pudesse ser interpretada como ameaçadora à ordem familiar, tida como o mais importante “suporte do Estado” e a única instituição social capaz de reprimir as intimidadoras vagas da “modernidade”. (MALUF; MOTT, 1998, p. 371-372).

O dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século foi, assim, traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico, que reunia conservadores e diferentes matrizes reformistas que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizava determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais. (MALUF; MOTT, 1998, p. 373).

Sem dúvida, os almanaques deixavam transparecer, em suas páginas, o esforço em disciplinar a conduta feminina para os perfis esperados da

época. Mas os almanaques também aparecem como meio de uma intensa disputa de poder de gênero; prova disso vai ser o número significativo de mulheres com textos incluídos nas páginas dos almanaques. Muitas delas encontrando aí um canal para apresentar e divulgar suas ideias com relação à condição feminina e para reivindicar direitos.

As vozes femininas nos almanaques

Conforme Zahilde Muzart (2004), existem muitas lacunas para serem preenchidas a respeito da história literária das mulheres no Brasil, no século XIX. A autora destaca que, ao ser convidada para dirigir a mesa-redonda de abertura do I Encontro Brasileiro de Publicações Feministas intitulada: “Panorama das publicações feministas no Brasil: do século XIX ao século XXI”, promovido pela revista *Estudos Feministas* em Florianópolis, 2002, se deu conta de como essas mulheres foram e são ignoradas e subestimadas, pois

o número de mulheres no século XIX que escreveram, tanto em periódicos como em livros, é enorme e seu campo de atuação, também muito amplo: habitaram diversas regiões no Brasil, pertenceram a mais de uma classe social, da mais alta à bem pobre, foram brancas arianas ou negras africanas. (MUZART, 2004, p. 225).

Ainda segundo a autora, no Brasil, as mulheres só passam a ser respeitadas no meio literário na primeira metade do século XX. Até então, a presença de mulheres-escritoras ficou excluída da historiografia literária, mas, segundo Muzart, mesmo estando à margem, “a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias”. (2004, p. 225-226). Uma produção segundo ela, nada desprezível, mas que, estranhamente, foi colocada para escanteio, e algumas poucas mulheres ganharam destaque e reconhecimento como escritoras nesse período.

Analisar a presença e as vozes femininas nos almanaques é uma tarefa que visa a recuperar a participação das mulheres no cenário literário do século XIX, destacando a importância dessas vozes na defesa de visões de mundo femininas, na luta por direitos, na busca por espaços dentro de um contexto historicamente marcado pelo masculino.

Ao longo da análise dos almanaques, notamos uma intensa presença feminina, seja como colaboradoras, seja como escritoras. No *Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, encontramos a presença de mais de oitenta mulheres e, no *Almanach Popular Brasileiro*, a presença de mais de cinquenta mulheres, segundo os “índices de autores”.

Algumas vozes femininas que aparecem nos almanaques são: Alice Moderno (poetisa, prosadora, jornalista e escritora); Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues (educadora, escritora, teatróloga e poetisa); Anna Aurora do Amaral Lisboa (educadora, escritora e poetisa); Andradina de Oliveira (educadora e escritora); Auta de Souza (poetisa); Delminda Silveira de Souza (educadora e escritora); Elvira Gama (jornalista e poetisa); Julieta de Mello Monteiro (escritora e poetisa); Ibrantina Froidevaux de Oliveira Cardona (escritora); Revocata Heloísa de Melo (escritora, jornalista e educadora); Rosalia Sandoval (escritora e educadora); Adelaide de Castro Alves Guimarães (musicista, pintora, desenhista e poetisa); Adelina Amélia Lopes Vieira (escritora e poetisa); Anna Teófila Filgueiras Autran (escritora); Anna Nogueira Babtista (poetisa, jornalista e educadora); Francisca Clotilde (contista, cronista, jornalista, dramaturga e romancista); Gracia Hermelinda da Cunha Mattos (filósofa); Julia Lopes de Almeida (escritora e romancista); Maria Augusta Meira de Vasconcellos (bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e escritora); Maria Torres Frias (escritora); Narcisa Amália de Campos (escritora, poetisa e jornalista); Presciliana Duarte de Almeida (escritora).

Como observamos, a maior parte das mulheres era formadora de opinião e buscava, nos almanaques, espaço para expor suas ideias, produções e impressões sobre o mundo e sobre a relação entre os gêneros. Como veremos depois, muitas mulheres ainda estão bastante envolvidas com o pensamento *masculino* da época, mas muitas, também, já demonstram não aceitar essa realidade e tentam mostrar novas alternativas para as mulheres.

O que os homens escrevem sobre elas?

*Rapaz, quando tu tiveres
Idade para casar,
Como não faltam mulheres
Vai logo uma procurar.*

*Que seja ou não instruída
Questão não deve fazer;
A companheira escolhida
Compassiva deve ser.⁷*

Triste da casa onde a galinha canta e o galo cala.⁸

Nosso objetivo aqui é mapear algumas das representações masculinas sobre as mulheres. Seleccionamos alguns textos para exemplificar cada tipo de representação encontrada, pois não seria possível utilizá-los em sua totalidade neste artigo. Como sabemos, toda representação possui uma bagagem histórica e um diferencial dado pelo tempo, pelo espaço e pela cultura em que surgem.

Iniciamos pela maternidade, a característica que sempre envolve, de uma forma ou de outra, as representações sobre as mulheres. No século XIX, tanto os discursos dos teóricos positivistas quanto dos médicos, higienistas, educadores e juristas, postulavam o instinto maternal das mulheres vinculado à sua função social, como algo essencial para o bem-estar social. Além disso, faziam severas críticas ao aleitamento mercenário, responsável não só pela não aproximação da mãe com o bebê, como também por ser a causa da morte dos futuros braços da nação. Nos almanaques, são inúmeros os textos que destacam essa característica considerada inerente a todas as mulheres. No poema que segue, o autor lamenta a morte da mãe e a descreve como “anjo da guarda”, “luz do marido e dos filhos”. São destacadas as características ligadas ao amor e à ternura.

Minha mãe! Minha mãe! Que sonho horrível!
É sonho ou realidade! Ai! Nem o sei!
Ó meu anjo da guarda! Ó minha amiga!
Sobre a terra não mais eu te verei!

.....
Debalde no teu lar te busco ainda,
Que enchias de ternura e amor celeste
Tua imagem sagrada já não vejo!
Minha mãe! Minha mãe! Porque morreste?!

.....
Foi ali, ó meu Deus, que, desde infante,
Nem um dia sequer deixei de ter-te;
Eras vida, anjo, luz do esposo e filhos,
Ó minha santa mãe... e assim perder-te!⁹

A doçura, a ternura, o afeto, a pureza e a ingenuidade eram características vinculadas diretamente à identidade feminina. Identidade essa que, no século XIX, acreditava-se nascer e se desenvolver com os sujeitos, permanecendo com eles ao longo da existência. Hoje compreendemos que os indivíduos não possuem uma única identidade centrada e imóvel, mas múltiplas identidades, descentradas e transitórias, que vão se constituindo através da interação dos sujeitos com as representações sociais que estabelecem com o mundo. Lembrar constantemente às mulheres essas qualidades revela o esforço de alimentar essa representação social para que continuassem fazendo parte do imaginário feminino. Seguem duas passagens em que percebemos esse esforço.

Brilha em teus olhos uma luz tão doce,
Tal como nunca em outros olhos brilha,
Nem que o próprio luar acaso fosse
Teu doce olhar, ó filha! [...].¹⁰

Mãe, adorna-lhe a fonte o diadema do martírio; esposa, a pureza duma alma que se sacrifica; filha, o preciosíssimo encanto do lar. Nos momentos mais doridos da vida, a mulher só, unicamente ela, sabe o império que tem e somente ela compreende a sua missão, toda particular e toda ideal. Ao filho que sofre, abre a alma e do seio puríssimo da fé tira as suas consolações que fortalecem o espírito másculo do homem. Ao esposo, que profundos rasgos de amizade, que admiráveis sonhos de amor, amor que reflete as carícias ideais de um sentimento inesgotável; amor que funda em sublimes gestos as alvoradas dos corações virtuosos. Ao pai, os extremos mais suaves, os risos mais encantadores, os beijos mais preciosos, como joias que derramam sonoridades augustas e divinas, como hinos que acordam a vida inteira e vertiginosa alma. Eis o que é a mulher para todos que sentem e sabem contempla-la com alma, sentimento e nobres intuitos [...].¹¹

Muito comum, também, é verem-se textos e versos que, além de enaltecerem a beleza, os encantos e os mistérios das mulheres, identificam as mulheres com seres feitos para servirem de inspiração à vida dos homens. O trecho a seguir questiona: “O que seria o homem sem sua musa inspiradora?” O autor remonta, para dar as respostas, ao tempo do paraíso de Adão e Eva e destaca que o primeiro homem Adão, dentro da tradição bíblica, já teria destacado que sua existência seria estéril sem

a presença de Eva, a primeira mulher. A mulher aparece como um *complemento* para alegrar a vida masculina.

A mulher, esta perola mimosa da criação, lançada dos lábios de Deus ao paraíso terreal para fazer entrever ao homem a beleza das divindades celestes; a mulher, esta misteriosa escapada do formoso seio dos anjos para vir perfumar a vida dos mortais, tem sido e ha de ser perpetuamente o sonho dourado da mocidade, e eterna inspiradora do poeta, a gloria azul do gênio, a imortalidade dos heróis.

Sem ela, nada de augusto e grande se pode elevar da terra ao céu.

Ella é o íris da bonança no meio deste oceano encapelado da vida; raio purpurino resvalando num céu azul.

Sem ela o que seria o homem? Querei ouvir a resposta?

Remontai ao berço de todos os séculos, entrai naquele famoso Éden, onde a árvore da vida desponta em majestosa ascensão para o céu e faz pender seus pomos de ouro para a terra, como querendo remirar-se no cristalino daquelas torrentes puras, que em quatro braços saem do lago do paraíso para, em voluptuosa peregrinação, irem fecundar as quatro faces da terra; dirigi-vos aquela majestosa estátua que se ergue em face da árvore sedutora do Bem e do Mal, saída há pouco do maravilhoso cinzel do escultor eterno; dirigi-vos aquele grande vulto que percorre através daqueles floridos prados, com certo ar de melancolia e que de quando em quando para, como abismado ante as maravilhas de Deus: perguntai-o ao decaído Adão, que ele vos responderá: Sem a mulher, o homem é a rocha estéril, átomo perdido na imensidade dos céus; quero-me antes decaído ao lado de Eva, que erguido ao lado de anjos.¹²

Mas se engana quem pensa que os discursos masculinos eram “só elogios” às mulheres. Segundo Delumeau, “a atitude masculina em relação ao “segundo sexo” sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade”. (1989, p. 301).

O autor destaca que “da idade da pedra, até a época moderna”,¹³ as mulheres foram, de certa forma, exaltadas, mas essa veneração do homem em relação à mulher foi contrabalanceada ao longo das eras pelo medo que ele sentiu do outro sexo, principalmente nas sociedades de culturas patriarcais. A hostilidade recíproca entre os dois sexos, de acordo com Delumeau (1989), parece sempre ter existido.

Nos almanaques são muito comuns os discursos depreciativos sobre as mesmas, como podemos ver na passagem seguinte, que afirma ter sido o homem criado por Deus e por isso um ser sublime, e a mulher

criada pelo diabo e, portanto, maliciosa como seu criador. Delumeau pontua que a acusação de ser a mulher uma criatura do diabo data de longe. Desde o começo da idade moderna, com a caça às feiticeiras, segundo o autor, as mulheres passaram a ser identificadas como um perigoso agente de satã, não apenas por entes da Igreja, mas também por juízes e leigos. (1989, p. 301).

O autor também assinala que o Ocidente assistiu, principalmente nos séculos que se seguiram ao Renascimento e à Reforma, a período em que a Igreja se sentiu ameaçada, a uma “diabolização” da mulher. Segundo o autor, teólogos e inquisidores tentavam mobilizar energias contra essa ofensiva demoníaca. Para ele: “Seres sexualmente frustrados que não podiam deixar de conhecer tentações projetaram em outrem o que não queriam identificar em si mesmos.” (DELUMEAU, 1989, p. 310). Assim, com a entrada das ordens mendicantes, no século XIII, a pregação contra a mulher adquiriu um extraordinário alcance na Europa, multiplicando de modo intenso uma misoginia com base teológica: “A mulher é um ser predestinado ao mal.” (DELUMEAU, 1989, p. 310). Para os monges não sucumbirem aos seus encantos, incansavelmente, as declararam como seres perigosos e diabólicos. Dessa forma, desde o século XIII, os discursos diabolizando a mulher foram substanciais para o agravamento do medo em relação à mulher.

Observa-se como os discursos vão criando representações que, com o tempo, se naturalizam. Os discursos teológicos identificaram as mulheres com o diabo, fazendo com que certas atitudes consideradas *diabólicas* fossem tidas como naturais na identidade feminina, como, por exemplo, a tagarelice, a tolice, a vaidade e o orgulho.

Como vimos, a mulher era identificada como sendo uma criação do diabo, por isso, revelava em suas atitudes a malícia de seu criador. Já o homem, tendo sido criado por Deus, demonstrava, em seus atos, a magnitude da criação divina.

Deus fez o homem, enfim, belo e sublime escravo
Da razão... Bravo! Urrou Satã – Bravo! É mister
Que eu faça agora igual... E, por seu turno, bravo!
Deus exclamou: Satã tinha feito a mulher!

E ei-la: nua, de pé, seu talhe o oiro vestindo
Da coma solta ao vento, o oiro fluindo radioso
Que o vento lhe entornou da frente aos pés, e abrindo
Pleno o lábio, a sorrir, de amor, volúpia e gozo.

E Deus, estupefato em frente á formosura
Da mulher e ante seu satânico esplendor,
Disse: Há de sempre e em tudo, estranha criatura
Revelar na malícia a unha do teu autor!¹⁴

Em muitos textos, as mulheres são retratadas como sendo invejosas. O texto que segue destaca a inveja como uma das causas dos males do mundo.

Enquanto folgam as outras crianças na hora do recreio, a Vicentina está de castigo, por não ter sabido a lição de quatro dias. Rala-se de inveja ao ver as outras revoltarem pelo pátio, numa alacridade indescritível, cheias de vida e de prazer.

Quanto faz a inveja, de quantos males não é ela a causa neste mundo!¹⁵

Na passagem a seguir, verificamos as mulheres sendo identificadas como vaidosas, muito preocupadas com a beleza exterior e, no entanto, não atentas à verdadeira beleza, que é a da alma, aquela que persistiria mesmo quando o corpo perdesse a formosura.

Vaidosas que pensais que toda a ventura neste mundo consiste na beleza do rosto e na garridice do vestuário; gentis enamoradas das próprias perfeições que vos dotou a natureza ou ajeitando um enfeite que mais as faça realçar; pobres presumidas que julgai formosura o que aos outros só parece fealdade e que á janela levais o dia inteiro á espera das homenagens que nunca chegam; vaidosas e presumidas, como vos enganais vós todas. O brilho da formosura se apaga breve e dela só ficam ruínas. Olhai a cara encarquilhada da velhice e dizei o que resta do esplendor dos vinte anos. Tudo se foi. Não! Ficou a mais bela das perolas que caíram da mão do criador. Ficou por traz daqueles olhos já sem brilho, coberta por aquela pele cortada de rugas, debaixo daqueles míseros cabelos brancos, a única formosura durável, a única que atravessa os tempos sem nada perder de seu fulgor. Ficou a formosura d'alma, a única de vos devíeis orgulhar.¹⁶

A importância do cultivo da beleza da alma era, na maioria das vezes, um discurso destinado às mulheres, pois essas seriam muito apegadas a frivolidades e desatentas ao cuidado da alma como se observa:

Na mulher não é a beleza plástica que infunde a paixão. O encanto feminino reside quase sempre em uma particularidade que nos toca o coração, verbi-gratia: a melodia da voz, o donaire no andar, a graça do sorriso, a expressão do olhar, a pureza da fronte, o olhar de melancolia, a frescura da cútis, o cachet de bondade e modéstia, a amabilidade, o espírito. Basta uma dessas especialidades para torná-la objeto de paixão. As mulheres muito formosas nem sempre são encantadores, falta-lhes um quê.¹⁷

Neste outro trecho, o autor assinala que as mulheres possuem mil encantos, mas que a real beleza é a masculina, pois essa tem sempre um quê de divino e sagrado.

A mulher tem encantos, mas o homem tem real beleza. Nos encantos da mulher ha todos os perturbadores mistérios da volúpia terrestre, mas na serena e máscula beleza do homem ha sempre um quê de divino e sagrado.¹⁸

Outro tema discutido nos almanaques são as mulheres que não aderiram ao matrimônio. O casamento era estimulado pela sociedade, pois era considerado o alicerce da organização social e o controlador da submissão da mulher. Dessa forma, as mulheres que, porventura, não casassem não eram vistas com bons olhos pela sociedade, pois não estariam exercendo suas funções sociais.

Na passagem que segue, notamos que o autor não mede esforços para declarar seu desprezo pelas mulheres solteiras. O grupo das solteironas, segundo o autor, era formado por moças que teriam passado do terrível cabo dos 30 anos de idade que, ou eram feias ou eram pobres ou não se atreveram a reagir contra a vontade dos pais. Eram as *mal-amadas*, carrancudas, velhas, com as quais os homens não gostariam de casar.

Vou ocupar aqui de um assumpto que não será muito do gosto das leitoras, e, principalmente daquelas que já dobraram o terrível cabo dos trinta, sem achar marido que lhes convenha, segundo dizem em confidencia umas ás outras. Desculpem-nos, pois, se, no decurso destas linhas, depararem alguma pimenta de envolta com um punhado de verdades. Mas tenham paciência! Foi o ponto que tirei, á sorte, da minha cornucópia de insignificâncias [...]. Qual de vós, mancebos, homens feitos e velhos respeitáveis, [...]. Qual de vós, traquejados ou

ignorantes nesta vida, [...]. Não tem ouvido falar da celebre e universal família das *tias sem sobrinhos*, isto é, daquelas nobres matronas condenadas a levar palma e capela para a eternidade e a quem nós chamaremos as velhas solteironas? Todos, não há dúvida. Composta na sua maior parte de donzelas maiores de quarenta anos, deixarem estas de tomar o sétimo sacramento da igreja por uma das três razões seguintes: – Ou eram pobres, ou eram feias, ou não se atreveram a reagir contra a vontade de pais casmurros. [...]. Os moços não querem casar-se com velhas, no que fazem muito bem; os velhos não estão para aturar noivas da sua idade, no que procedem ainda melhor. E sempre iludidas, mas esperanças, sempre vaidosas, mas feridas no seu orgulho, sempre ridículas e tolas, mas julgando-se muito assisadas não querem estas heroínas de comédia convencer-se de que hão de morrer *tias*.

Tias! Que horror!¹⁹

Nesta outra passagem, o autor critica as mulheres que teimam em dizer que não querem casar porque “não casar é melhor”. O texto também utiliza a expressão “Que horror!” para conceituar as mulheres solteiras.

“O casar é mui bom, mas não fazê-lo”
Dizia uma senhora em que o selo da velhice marcara-lhe na testa [...].
E quanta moça assim vemos aos ventos,
O beicinho fazendo aos casamentos
Que a sorte lhe depara,
Te que á espera de um nobre, de um ricaço
Sacode-lhe a vaidade o duro laço da velhice” Que horror!
Mau grado seu restando-lhe a mania de repetir mil vezes num dia:
“Não casar é melhor!”

A passagem a seguir apresenta sinais de resistência aos papéis de gênero impostos às mulheres da época e aponta a mudanças nos comportamentos e nas atitudes femininas.

À D. Julieta de Mello Monteiro

Dizia-se até hoje que a mulher era apenas sentimento; [...]. Perfume adormecido no seio virgem das flores, e que a um sopro da criação veio umectar de risos a primeira aurora da vida; que era um absurdo ver amante de Romeu racionar com Voltaire, e Alexandre de Macedônia ter a delicadeza de Corday; entretanto é muito certo que já não se considera como um consórcio híbrido na alma da mulher a concorrência

dessas duas faculdades; a sensibilidade e a razão podem exercer um influxo simultâneo no organismo feminino, que só parecia destinar-se ao amor. Os bancos académicos já sentem o alvorecer de suas glórias no roçar das gazes que os frequentam; a imprensa tem apontado no século de hoje talentos invejáveis que aparecem divinizados pelo aplauso publico.²⁰

O que as mulheres escrevem sobre elas?

*A nossa desgraça está, portanto,
em que o elemento decorativo continua a predominar, quer se trate de
adorno do corpo, quer das conquistas de espírito.
Sem consultar vocações nem vontades, exige-se em geral,
que todas as moças toquem piano, saibam fazer sala e falar francês.²¹*

Nos discursos femininos, vamos encontrar tanto pensamentos semelhantes aos masculinos, no que diz respeito ao lar, à família, à maternidade, como pensamentos que revelam um descontentamento das mulheres com a posição que ocupavam na sociedade e uma interessante reivindicação de direitos, principalmente aqueles ligados à educação da mulher.

Nesse primeiro trecho, Julieta de Mello Monteiro enaltece a importância do lar saudável para a manutenção da ordem e da moral da sociedade. O doce lar, segundo a autora, deveria ser o ninho da felicidade, o exemplo de virtude e pureza, o local que inspira saudades. A tarefa de preservar a manutenção desse território era atribuída às mulheres.

Ó lar! Doce e casto ninho de felicidade, pretencioso erário de nossas mais santas aspirações, eu te bendigo!
Tu és, nos felizes momento da existência, o cofre em que recolhemos os nossos doirados sonhos, és, nos amargurados transe da vida, ainda o receptáculo de nossos prantos.
Quem te não amará!
Ouves carinhosamente as nossas santas confidencias, os ternos beijos que nos imprimem nossos pais, as palavras meigas do companheiro de nossos dias, os nossos primeiros suspiros de amor!²²

O texto que apresentamos a seguir refere-se a uma carta enviada por D. Anna Aurora do Amaral Lisboa à sua irmã Palmyra Lisboa de Figueiredo. Como já mencionamos, Anna era escritora e educadora,

defensora da liberdade de pensamento e dos direitos das mulheres. Para alguns, foi a primeira feminista do Brasil. No entanto, a passagem foi construída dentro das concepções morais destinadas às mulheres daquela época. O diálogo estabelecido entre as irmãs revela a posição de Anna em relação ao papel da mulher, quando comenta com sua irmã, que, após essa ter se tornado mãe de cinco filhos, sua vida teria se tornado preciosa. Anna pontua que, após a irmã Palmyra ter se tornado mãe, teria substituído sua propensão para o egoísmo pelo sacrifício e abnegação das boas mães. Contudo, Anna relata que Palmyra não teria ainda completado sua missão, a ela caberia ainda a tarefa essencial de educar os filhos e de transmitir-lhes os preceitos da moral para que fossem cidadãos úteis à pátria. A função de Palmyra deveria ser a de preparar os meninos para serem úteis às necessidades da pátria e as meninas para serem boas mães de família.

À minha irmã Palmyra Lisboa de Figueiredo

Faz alguns anos já que, conversando ambas nós a respeito de um indivíduo que acabara de falecer, disse-te eu:

– Eis um homem que desaparece da cena do mundo sem deixar após de si uma saudade! Deve ser triste chegar àquela hora tremenda em que nos despedimos da vida e ouvir a voz da consciência dizer-vos: – *Foste um ente inútil; nada fizeste pelo bem comum; a família, a pátria e a humanidade nada te devem, podes desaparecer, que ninguém sentirá tua falta.*

E tu entre seria e zombeteira, disseste-me:

– Eu também sou um ente inútil, pois nada faço em benefício dos outros!

Eras então muito jovem ainda e eu acusava-te de seres um pouco egoísta. Lembras-te?

Hoje eis-te casada e mãe de cinco filhinhos, de cinco lindas crianças, a quem adoras, a quem consagras a tua vida, que te obrigaram a substituir a tua propensão para o egoísmo pela abnegação e sacrifício de que são modelo as boas mães.

Um dia, surpreendendo-me tu a contemplar-te quando, rodeada dos teus cinco anjos, repartias com eles os teus ternos desvelos, e recordando-te das minhas dissertações sobre a inutilidade de certas existências, perguntaste-me sorrindo:

– E agora, minha irmã, ainda poderão chamar-me de inútil?

– Não, repliquei; a tua vida agora é preciosíssima.

Porem, querida Palmyra; a tua obra não está completa; de ti depende que ela se torne útil ou inútil e até nociva, conforme legares á sociedade membros dignos ou indignos dela. A tua tarefa é de uma importância incalculável e, se for bem desempenhada, os seus benéficos efeitos não ficarão limitados no estreito circulo do teu lar.

Educa bem os teus filhos; inocula-lhes na alma, desde os mais verdes anos, os são princípios da moral e da virtude e não meças sacrifícios quando se tratar da sua instrução. Procura fazer dos homens cidadãos uteis á pátria e prepara as mulheres para boas mães de família, transmitindo-lhes as virtudes que herdaste de nossa boa e santa mãe. Já mais de uma vez tenho-te exposto este meu modo de pensar: – As mães que educam bem seus filhos prestam á pátria e á humanidade um serviço de maior alcance do que o legislador promulgando leis, cuja aplicação é, em muitos casos, de um resultado nulo pela falta de instrução e preparo do povo.

Eis o que tinha a responder á tua pergunta sobre a utilidade de tua vida, e agora acrescentarei que será para mim motivo de prazer ouvir, no futuro, merecidos louvores aos teus filhos e que, ouvindo-os, para participar um pouco de tua gloria, não deixarei de dizer: – São meus sobrinhos.²³

Com relação à educação das mulheres, foram encontrados dois textos bem interessantes e críticos. O primeiro escrito por Julia Lopes de Almeida, e o segundo escrito por Anna Aurora do Amaral Lisboa.

No texto que segue, Julia Lopes de Almeida demonstra reconhecer alguns aspectos comuns à identidade feminina, principalmente a naturalidade de ser mãe, de se preocupar incansavelmente com os filhos. Mas é justamente reconhecendo esse aspecto, que seria natural da condição feminina – a maternidade – que Julia reflete sobre a pobreza da educação das mulheres. Segundo ela, as mulheres eram portadoras de pouquíssimos conhecimentos científicos, matemáticos, literários, o que significava que não sabiam responder às inúmeras indagações feitas pelos filhos. Nota-se, portanto, que a autora reivindica, em nome da maternidade, principal função atribuída à identidade feminina, o direito à educação, para poder melhor instruir os filhos.

A criança precisa de tudo isso para ser feliz. E nós, as mães, do que precisamos mais neste mundo do que da sua felicidade. Ver gozar um filho é ver gozar duplamente.

É um encargo esse que nenhuma mãe deveria declinar-se de si – o ensino dos filhos, ao menos os primeiros passos de leitura, escritas, contas, um pouco de geografia e desenho. Já não falo em outras matérias como geometria, línguas, etc., porque desgraçadamente a nossa instrução é em geral de uma pobreza pasmosa e não permitiria acompanhar até mais longe o estudo de uma criança nem dirigi-lo convenientemente. E é principalmente essa missão que deve induzir as moças a ler e a estudar com atenção. Aprender para ensinar, com inteligência, alegremente, maternalmente.

A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permite certamente responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinável de guiar. Aí a nossa desgraça! Se eles nos perguntam sobre os fenômenos da natureza, os primeiros a atraírem a sua atenção, que resposta lhes damos? Eles querem saber o que é o calor, o vento, a chuva, o frio; se a lua está pregada no céu, de que é feita a luz, como e porque lampejam as estrelas, porque se use no horizonte a terra e as nuvens, e o que é a terra, a pedra, o movimento, a água, o sol, o som, a vaga, a flor, o inseto, a montanha, o fogo, o aroma, tudo, e nós, a quem isso não foi nitidamente ensinado, ficamos avergonhadas, humilhadas com um profundo desgosto de nós mesmas.

Então é que nos vem á mente o desprezo pela instrução ornamental, aparatosa, com quem conquistamos nas salas, o prestígio e o renome! São os lábios inocentes e roses de uma criança que nos infligem o castigo do velho tempo perdido a dedilhar exercícios e musicas, onde na maior parte das vezes não entrava em nossa alma, a nossa vocação, mas simples e meramente o desejo de brilhar.

A nossa desgraça está, portanto, em que o elemento decorativo continua a predominar, quer se trate de adorno do corpo, quer das conquistas de espírito.

Sem consultar vocações nem vontades, exige-se em geral, que todas as moças toquem piano, saibam fazer sala e falar francês.²⁴

Já analisamos aqui um texto escrito por Anna Aurora do Amaral Lisboa, que descrevia qual era a função da mãe com relação à educação dos filhos. Como também já havíamos mencionado, Anna era educadora, escritora e, sobretudo, defensora dos direitos das mulheres, principalmente com relação à instrução. No entanto, faz-se necessário destacar que ela realizava suas reivindicações de acordo com a mentalidade que adquiriu em sua época. Na passagem a seguir, Anna discorre sobre a educação das mulheres. A ideia central que seu texto pretende elucidar

é que a mulher deveria ser instruída para que pudesse dispensar os cuidados e o amparo do homem, caso não tivesse a sorte de encontrar um protetor. Anna destaca que a intenção não seria reclamar para as mulheres direitos civis, políticos ou intelectuais, tidos como privilégio dos homens. Aliás, enfatiza, ainda, que as mulheres ficariam perfeitamente bem no plano secundário em que as colocavam os preconceitos sociais. Anna combate a ideia (defendida por muitos pais) de que a educação intelectual devia ser encarada com mais seriedade quando diz respeito aos filhos do que com relação às filhas.

Em poucas palavras anunciaremos o nosso modo de pensar e de sentir sobre este eterno tema.

A educação da mulher deve, o mais possível tender, tender a colocá-la no caso de poder dispensar em qualquer situação o amparo do homem. Não reclamamos para o sexo a que pertencemos nenhum dos direitos civis e políticos que até aqui têm sido privilégio do outro sexo; não procuramos reivindicar a pretensa igualdade de aptidões intelectuais entre o homem e a mulher. Achamos, pelo contrário, que ela fica perfeitamente bem no plano secundário em que a colocam os preconceitos os preconceitos sociais.

Entretanto, seja-nos permitido dizê-lo, julgamos justo que não se negue àquelas que, que por exceção da regra, receberam da natureza uma inteligência superior e aptidões incontestáveis, o direito de aproveitá-las e de tirar delas todas as vantagens possíveis para seu interesse próprio e da sociedade.

O que combatemos, e cada vez mais convictamente, é o erro em que laboram muitos pais, entendendo que a educação intelectual, aquela que melhor prepara o indivíduo para a luta da existência, merece menos cuidados, quando se trata das filhas do que dos filhos.

Justificam tão lamentável modo de pensar, afirmando que a mulher – esposa, mãe ou filha – está por natureza colocada sob a guarda e proteção do homem que tem o dever de prover-lhe a subsistência e velar pela sua honra e segurança.

Na verdade, se isso devesse suceder *sempre* assim, não exigiria grandes cuidados a educação da mulher: – algumas noções de civilidade e boas maneiras e as prendas domésticas indispensáveis a uma dona de casa, e ela estaria apta para desempenhar sua missão social, como a compreendem os intransigentes adversários da instrução da mulher.

Mas, senhores que assim argumentais, quem vos assegura que vossa filha encontrará esse protetor natural que contais? Que presciência tendes do futuro que vos garanta que essa filha não se verá um dia só

no mundo, entregue à sua própria direção neste pélagos de provações e enganões?

Não temeis que, vendo-se assim sem um guia, sem discernimento algum, sem as luzes que o desenvolvimento intelectual ministra ao ser humano, sucumba na luta, pobre vítima de incúria paterna? Nunca se vos apresenta á imaginação o espetáculo doloroso de vossa filha implorando a estranhos um agasalho, vivendo na dependência, sujeitando-se a humilhações, porque não tem o preparo indispensável par dirigir-se na luta da existência?

Se refletísseis maduramente, talvez chegásseis á conclusão de que, na incerteza do futuro, a educação das filhas merece cuidados mais solícitos do que a dos filhos.

Daí, pois, a vossas filhas uma instrução sólida, habilitai-as, preparai-as convenientemente para que elas possam em caso de necessidade, encarar com animo resolutos as vicissitudes da vida, contando com suas próprias forças e dispensando o amparo e proteção do homem

E, ficais certo, a instrução em nada lhes diminuirá o encanto suave das virtudes domésticas que tanto amais em vossas esposas, e venerais em vossas mães.²⁵

Considerações finais

Para tecer as considerações finais, é preciso que retornemos à citação que é título deste artigo: “O almanaque deve ser um livro que se possa, sem escrúpulos, confiar à mais inocente e à mais pura das leitoras.” No início do artigo, nos indagamos se os almanaques continham apenas esse tipo de leitura “confiável” destinada às mulheres, se eram disciplinadores das posturas femininas na sociedade.

Analisando os textos encontrados nos almanaques, é possível perceber, sim, um grande esforço em *disciplinar* a conduta feminina a partir do que se esperava das mulheres naquele momento de transição: a virada do século XIX para o século XX. Um discurso muito constante lembrava às mulheres suas obrigações como mãe, como protetora do lar e dos filhos. Qualidades, como: ternura, meiguice e ingenuidade, eram exaltadas enquanto outras, como: a vaidade, a tagarelice e a inveja, eram constantemente desaprovadas.

Porém, além desse discurso misógino, é possível perceber os almanaques como sendo uma publicação de intensas relações de poder entre os gêneros. Como vimos nos escritos femininos, algumas mulheres, mesmo ainda envolvidas com o pensamento da época com relação ao papel de cada gênero na sociedade, começam a traçar caminhos sinuosos

para conquistar melhorias na sua vida. Nos textos aqui apresentados, observamos a reivindicação do direito à educação para as mulheres. Este objetivo: conhecer as coisas do mundo e compreendê-las seria o primeiro passo para a emancipação feminina.

Notas

¹ Texto “A boneca” (Victor Hugo), retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1906, p. 144.

² Citação retirada do *Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1889.

³ Os exemplares encontram-se disponíveis na Coleção Especial Laudelino Teixeira de Medeiros, na Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. É possível encontrar as coleções do *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul* e do *Almanach Popular Brasileiro* praticamente completas. Os exemplares encontram-se em bom estado de conservação, a grande maioria com a capa original. A escolha desses dois almanaques seguiu alguns critérios: quantidade significativa de discursos de gênero neles encontrada; vida útil em um período comum; a maior parte dos exemplares está disponível para consulta.

⁴ Conforme Machado de Assis: “*Como se inventaram os almanaques*”.

⁵ Mario Osório Magalhães é Mestre em História pela UFSC (1991) e professor na Universidade Federal de Pelotas. Também escreve para o jornal *Diário Popular*, em Pelotas. As informações sobre as livrarias *Americana* e *Universal* foram extraídas da página do jornal na internet. Disponível em: <http://srv-net.diariopopular.com.br/3_1_0_8_0_3/mario_osorio_magalhaes.html>. Acesso em: 11 maio 2011.

⁶ A Livraria Americana, mais antiga, era de propriedade de Carlos Pinto & Cia. e foi fundada em 1875, estabelecendo filiais em Porto Alegre, no ano de 1879, e em Rio Grande, no ano de 1885. A Livraria Universal, de propriedade de Echenique

& Cia., fundada em 1887, expandiu igualmente os seus negócios até Rio Grande e Porto Alegre.

⁷ Texto “As mulheres”, retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1904, p. 137.

⁸ Texto “Filosofia popular”, retirado do *Almanaque Popular Brasileiro*, de 1897, p. 129.

⁹ Texto “Minha Mãe”, retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1896, p. 210.

¹⁰ Texto “Olhar de filha” (Silvestre de Lima, de Barretos – SP), retirado do *Almanaque Popular Brasileiro*, de 1905, p. 103.

¹¹ Texto “A mulher” (Carlos Miller, de Rio Grande – RS), retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1892, p. 120.

¹² Texto “A mulher” (José Palmella), retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1898, p. 195.

¹³ Segundo as palavras do autor.

¹⁴ Texto “O trabalho do Diabo” (Raymundo Côrrea), retirado do *Almanaque Popular Brasileiro*, de 1904, p. 220-221.

¹⁵ Texto “A invejosa” (S. Pires, de Rio Grande – RS), retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1894, p. 229.

¹⁶ Texto “Engano” (Nihil, de Pelotas – RS), retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1894, p. 219.

¹⁷ Texto de Urbano Duarte (RJ), retirado do *Almanaque Popular Brasileiro*, de 1903, p. 101.

¹⁸ Texto “A beleza masculina” (Alúzio Azevedo), retirado do *Almanaque Popular Brasileiro*, de 1907, p. 115.

¹⁹ Texto “Solteironas” (Francelio Marques, de Vassouras – RJ), retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1897, p. 161-167.

²⁰ Texto “A mulher” (Pedro Antônio de Miranda, de Pelotas – RS), retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1901, p. 161.

²¹ Texto de Julia Lopes de Almeida, retirado do *Almanaque Popular Brasileiro*, de 1897, p. 270.

²² Texto “O lar” (Julieta de Mello Monteiro,

de Rio Grande – RS), retirado do *Almanaque Popular Brasileiro* de 1899, p. 221.

²³ Texto “As mães de família” (Anna Aurora do Amaral Lisboa, de Rio Pardo – RS), retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, de 1896, p. 145-146.

²⁴ Texto de Julia Lopes de Almeida, retirado do *Almanaque Popular Brasileiro*, de 1897, p. 270.

²⁵ Texto “Educação da mulher” (Anna Aurora do Amaral Lisboa, de Rio Pardo – RS), retirado do *Almanaque Popular Brasileiro*, de 1898, p. 108.

Referências

- ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas femininas na imprensa do século XIX: tessituras de Ignez Sabino e Délia*. 2008. 284 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- DELUMEAU, Jean. O medo da mulher. In: DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYRER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FREITAS, Claudia Fernanda de Barros. *Aspectos da história e da literatura na primeira década do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul (1889-1900)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2007.
- HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha Hoffmann. Representações sociais: delineamentos de uma categoria analítica. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia da UFSC*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 92-106, jan./jun. 2004.
- JODELET, D. Les représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. *Représentations sociales*. 2. ed. Paris: PUF, 1991.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MACHADO, Lia Zanotta. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lucia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAES, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MUZART, Zahilde Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jan./jun. 2003.
- PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras do almanaque no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, 2005.
- SCOTT, Joan W. Prefácio a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, n. 3, 1994.
- SOIHET, Rachel. Pisando no “sexo frágil”. *Nossa História*, Diadema, ano 1, n. 3, 2004.
- _____. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e

conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Fontes:

Almanach Popular Brasileiro. Pelotas – RS: Livraria Universal: 1897, 1898, 1899, 1903, 1904, 1905, 1907. Tiragem anual.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul*. Pelotas, RS: Typographia da Livraria Americana: 1889, 1892, 1894, 1896, 1897, 1898, 1901, 1906. Tiragem anual.

